



EXISTE UMA LÓGICA DA AÇÃO HUMANA?

Is there a logic of human action?

Álvaro Mendonça Pimentel
FAJE, MG

Resumo: O artigo apresenta e examina a proposta blondeliana de uma lógica da ação humana, vista sob o ponto de vista da *práxis* ou ação moral. O conceito de ação é exposto de forma descritiva, dentro da perspectiva dialética e existencial própria à *Ação* (1893). Nela a necessidade lógica que leva o discurso a progredir não possui a última palavra, pois cabe ao leitor decidir se deve ou não seguir adiante no exame do conteúdo da ação entendida como a síntese original de suas condições corporais, psíquicas, espirituais, culturais, relacionais etc. Ao concluir pela inclusão dos elementos preferidos e preteridos na avaliação da moralidade de cada ação, Blondel coloca-nos diante de uma lógica que supera a lógica da contradição e do terceiro excluído. Lógica da inclusão, graças ao conceito ontológico de privação positiva. Privação significa que algo que deveria ou poderia ter sido ou trazido à existência permaneceu sem cumprimento, mas é reconhecido nas afirmações e atitudes de quem age. Para Blondel, em toda ação, o que é eleito e preferido se une ao que foi preterido e sacrificado, mas não destruído, para estabelecer o valor moral da consciência do agente. Há, portanto, em cada realização um universo de potencialidades das quais o agente se priva e que continuam a solicitá-lo. Ora, além dos valores e virtudes em jogo, algo mais pode ser acolhido ou preterido na ação: o Dom Infinito e gratuito. Não como no ato de fé religiosa, mas como hóspede secreto, pronto a revelar-se em acontecimentos surpreendentes.

Palavras-chave: Ação, Lógica, Moral, Privação, Consciência Moral.

Abstract: The article presents and examines the blondelian project of a logic of human action, from the point of view of praxis or moral action. The concept of action is exposed in a descriptive way, within the dialectical and existential perspective of *Action* (1893). Here the logical necessity that leads the discourse to progress does not have the last word, since it is up to the reader to decide to proceed with the examination of the content of the action. This is understood as the original synthesis of bodily, psychic, spiritual, cultural, relational conditions. In concluding with the inclusion of preferred and neglected elements in the evaluation of the morality of each action, Blondel places us before a logic that overcomes the logic of contradiction and the excluded middle. Logic of inclusion, thanks to the ontological concept of positive deprivation. Deprivation means that something that should or could have been or brought into being has remained unfulfilled but is recognized in the statements and attitudes of the doer. For Blondel, in every action, what is chosen and preferred joins what was passed over and sacrificed, but not destroyed, to establish the moral value of the agent's conscience. There is, therefore, in each realization a universe of potentialities from which the agent deprives himself of and which continue to demand him. Now, in addition to the values and virtues at stake, something else can be accepted or passed over in action: the Infinite and free Gift. Not as in the act of religious faith, but as a secret guest, ready to reveal himself in surprising events.

Keywords: Action, Logic, Moral, Deprivation, Moral Conscience.

O filósofo francês Maurice Blondel (*1861 - +1949) é relativamente desconhecido entre nós, apesar de autor bastante estudado na atualidade, de sua influência discreta e efetiva no pensamento filosófico contemporâneo e, sobretudo, na teologia católica. A influência efetiva mostra-se quando consultamos os dicionários de filosofia ou os ramos da reflexão filosófica moral, política ou social. Neles, encontraremos normalmente um artigo importante ou escolas que se debruçam sobre o tema “ação”. Mas essa presença nem

sempre foi efetiva e era mesmo uma raridade nos tempos em que Blondel publicou, em 1893, sua grande tese *A Ação: ensaio de uma crítica da vida e de uma ciência da prática*, mais conhecida como *Ação* (1893)¹. Desde então, é impossível para os estudiosos e os praticantes da filosofia francófona falarem em ação sem ao menos se referirem ao “mestre de Aix”, como era chamado Blondel. Embora nascido em Dijon, na região francesa da Borgonha, o “filósofo da ação”, como ficou também conhecido, passou sua vida acadêmica como professor universitário na bela Aix-en-Provence. Formado na célebre Escola Normal Superior de Paris, foi contemporâneo de outros grandes nomes das humanidades e das ciências, nos quais brilhou a glória da política educacional e científica da França republicana.² Basta recordar alguns normalistas daquela época, entre vários outros nomes importantes, como Alain (Émile-Auguste Chartier), Henri Bergson, Léon Brunschvicg, Émile Durkheim e Lucien Lévy-Bruhl, para se ter ideia da intensidade espiritual e da criatividade conceitual presentes na virada do século XIX para o XX da cena francesa.³

Blondel participou desse movimento ao propor um estudo pioneiro sobre a “ação”. Não a simples ideia ou conceito de ação. Ele buscou captar em seu trabalho o sentido da ação efetiva, aquela que é processo integral, e vai da intenção à decisão de agir, e da decisão ao ato consumado. Esta distinção pode parecer obscura para o leitor, mas logo será esclarecida. Segundo Merleau-Ponty, a contribuição de Blondel pertence em nível e intenção ao grupo das obras de filósofos como Edmund Husserl, Henri Bergson, Alain e Benedetto Croce, pois “todos questionavam o narcisismo da consciência de si, todos buscavam uma passagem entre o possível e o necessário *rumo ao real*, todos designavam como uma dimensão nova de pesquisa nossa *existência* de fato e a do mundo”⁴. Por ora, apenas afirmo que é nesta perspectiva e a guiar-me pelos marcos da obra blondeliana, que o tema “lógica da ação humana” será abordado neste artigo, num esforço que unirá o esclarecimento – uma vez que a obra de Blondel é conhecida por sua dificuldade – e a precisão.

Blondel considerava a ação como realidade ampla, podendo mesmo ser descrita e hierarquizada segundo a distinção tradicional entre fazer, agir e contemplar. No entanto, irei me contentar com o sentido *moral* da ação humana ou o que a filosofia clássica chamou de práxis. Autores há que utilizam o termo *moral* (de origem latina) e o termo *ética* (de origem grega) para expressar conceitos diferentes, como os que utilizam “moral” para referir-se ao conjunto articulado das regras e mandamentos morais de determinada cultura, enquanto preferem “ética” ou “filosofia moral” para tratar da reflexão filosófica que busca justificar de modo crítico a ação do ser humano no horizonte de sua realização pessoal em sociedade.⁵ Neste artigo utilizarei os dois termos como sinônimos, para indicar que a moral histórica já se encontra atravessada pela reflexão crítica, e que a ética ou moral filosófica, assim como a concebo, apoia-se sobre a moral (ou *ethos*), como matéria viva para a reflexão. Assim, seguindo o filósofo ouropretano Henrique Vaz, prefiro utilizar a palavra *ethos*, para designar o conjunto dos costumes e virtudes de determinada cultura. A ética ou moral filosófica é definida então como a ciência do *ethos*. Isso não anula a

¹ BLONDEL, Maurice. *L'Action: essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique* (1893). In: _____. *Oeuvres complètes I 1893: les deux thèses*. Paris: P.U.F., 1995. p. 1-530. Blondel reeditar a sua tese em dois volumes, em 1936 e 1937, mas a versão de 1893 permanecerá como a referência preferida dos estudiosos.

² Uma apresentação completa da vida e obra de Blondel encontra-se em: BLONDEL, Maurice & LEFÈVRE, Frédéric. *L'itinéraire philosophique de Maurice Blondel*. Propos recueillis par Frédéric Lefèvre. Paris: Aubier, 1966. Com advertência de Henri Bouillard. Ver também: DUMÉRY, Henry. « Maurice Blondel » (1861-1949). In: MERLEAU-PONTY, M. (Org.): *Les philosophes célèbres*. Paris: Lucien Mazenod, 1956, p. 300-303. (Collection de la Galerie des hommes célèbres); LACROIX, Jean. *Maurice Blondel: sa vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: P.U.F., 1963. Contém extratos das principais obras de Blondel; e ANTONELLI, B. *Maurice Blondel*. São Paulo: Loyola, 2006. Contém artigo de Blondel, nas páginas p. 61-93.

³ Uma apresentação do “momento” 1900, compreendido como um contexto espiritual original, encontra-se em: WORMS, Frédéric (Org.). *Le moment 1900 en philosophie*. Paris: Septentrion, 2004.

⁴ MERLEAU-PONTY. “L'existence et la dialectique”. In: _____. (Org.). *Les philosophes célèbres*. Paris: Lucien Mazenod, 1956. p. 288-291. (collection de la Galerie des hommes célèbres). Aqui: p. 288.

⁵ Esta distinção mostra-se importante e necessária na obra de: CORTINA, Adela. *Ética de la razón cordial: educar en la ciudadanía en el siglo XXI*. Oviedo: Ediciones Nobel, 2007. p. 1-11.

distinção de Adela Cortina e a sua importância. Vivemos num mundo plural, em que diversos *ethes* convivem e concorrem numa mesma sociedade⁶. Ao tratar da lógica da ação, agora entendida como lógica da vida moral, suponho esse entrelaçamento entre o refletido ou analisado e o vivido ou sintetizado, nos atos de liberdade humana.

Nosso contexto para o estudo da “lógica” é, pois, a ação concreta, aquela que não pode ser captada ou compilada em definição rígida e fixada. Sem dúvida, a partir de definições tomadas como princípios, podem-se deduzir regras de conduta para guiar o agente em sua práxis. Esta estratégia é clara e precisa, à primeira vista. Mas se mostra rígida e limitante diante da imprevisibilidade das situações vividas e da novidade que emerge no curso da história em que todos peregrinamos⁷. A vereda blondeliana sugere outra atitude, mais tateante e indutiva, mais próxima da experiência e atenta a suas exigências e repercussões, enfim, mais fenomenológica. Seu caráter filosófico não decorre, sobretudo, de estar pautada em conceitos, o que não deixa de ser verdade, mas em ser geradora de conceitos. Estes nascem por implicação e análise do riquíssimo conteúdo da ação. A reflexão – sempre retrospectiva – destaca as implicações normativas presentes na síntese de cada ato humano⁸. Por implicação se deve entender aqui a explicitação do que está implícito na ação, bem como a complexidade desta ação, que é uma síntese de elementos diversos. Portanto, encaminhar uma resposta à questão “existe uma lógica da ação humana?” exige preliminar atenção a esta mesma ação e a seus elementos fundamentais.

1. Traços da ação humana

A ação corresponde ao processo da realização humana ou ao que, nas primeiras décadas do século XX, se convencionou chamar de “existência”, embora o termo “ação” tenha a vantagem de encontrar-se imediatamente referido a ato, razão pela qual o prefiro, embora utilize a ambos como sinônimos. Quando agimos, atualizamos potencialidades que, ao se realizarem, não são as mesmas que se tivessem sido deixadas adormecidas. Elas vêm integrar-se num todo. Não se trata apenas da diferença entre o que é uma virtualidade em nossa vida e o que se faz realidade, mas de virtualidade que só se torna realidade sendo encarnada de maneira original, na complexa síntese de valores e condições que nos constituem. Imagine-se, por exemplo, o aprendizado da língua pátria, que atualiza a virtualidade linguageira humana, mas o faz dentro de sonoridade particular, com estrutura própria de pensamento, com nuances musicais e culturais originais etc. Agir, portanto, no sentido dado a esse verbo no contexto da obra blondeliana, consiste em desdobrar o próprio ser. Pode-se mesmo afirmar que a ação é “auto-ontológica”⁹, enquanto agir consiste em gerar no mundo um *novo* ser, cujo sentido se altera enquanto se cria. Evidentemente, a pessoa não é origem de si mesma, ela vem ao mundo como mistério, ou seja, realidade *suis generis*, singularidade, que se perfaz no conjunto de relações históricas que também a compõem, assim como a singularidade que a torna única. No entanto, sua

⁶ Uma exposição completa da ética como ciência do *ethos* encontra-se em: VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia V: introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 11-66.

⁷ HENRICI, P. *La Logica della vita morale* nel suo contesto di allora e nel nostro contesto attuale. In: D’AGOSTINO, S (Org.). *Logica della morale. Maurice Blondel e la sua recezione in Italia*. Roma: Enciclopedia Italiana, 2006. (Biblioteca dell’enciclopedia. Scienze e Filosofia). p. 21-34.

⁸ BLONDEL, Maurice. *Le point de départ de la recherche philosophique* (1906). In: _____. *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l’action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 527-569. Sobre as relações entre a filosofia prática blondeliana e o pensamento kantiano veja-se: JOUHAUD, M. *Le problème de l’être et l’expérience morale chez Maurice Blondel*. Louvain-Paris: Nauwelaerts-B. Nauwelaerts, 1970. (Recherches, 58).

⁹ BLONDEL, Maurice. *Principe élémentaire d’une logique de la vie morale* (1900). In: *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l’action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 373.

tarefa consiste em acolher-se e desdobrar-se, abrindo-se a mais do que ela mesma seria capaz de realizar e, neste sentido surpreendente, nascer para o ser¹⁰.

A ação, obviamente, acontece nas mediações do mundo, da sociedade, da família, dos conhecimentos científicos, dos costumes de um *ethos* dado, nas referências a uma religião e assim por diante. Ela supõe subjetividade, intenção, reflexão e liberdade, enraizadas em universo material, vital e espiritual. E supõe a exteriorização, no encontro com o mundo e com os outros, desde a mais básica percepção até as interações mais elevadas, como o trabalho, a amizade, o amor etc. Ora, o que Blondel nos ensina é que a complexidade da realidade é toda sintetizada, em indedutível novidade, a cada ação. Há sempre algo novo na ação propriamente *humana*, ou seja, naquela ação em que a liberdade está verdadeiramente em jogo, na ação que vence as necessidades do mundo e, em nossos dias, na ação que supera as forças colonizadoras das necessidades econômicas ou da manipulação política do poder, mesmo que esta ação ocorra no lugar mais escondido e na situação em aparência mais singela. Esta novidade é indedutível, no sentido que não há procedimento capaz de provocá-la. Trata-se de um acontecimento. A ação humana é *unitiva*, ao recompor o todo numa novidade sem precedentes¹¹. Isso significa que nossos atos de liberdade interiorizam o real no qual nos enraizamos, antes de gerar a novidade e modificar esse real. Pode-se, pois, analisar os elementos condicionantes da ação, em um segundo momento. Para escrever este artigo, por exemplo, foi preciso antes habitar a língua portuguesa, adquirir conhecimentos filosóficos e históricos, familiarizar-me com o computador etc., para, finalmente, tramar o artigo original na urdidura já dada da escrita científica, utilizando o método da meditação. As condições da escrita podem ser enumeradas e analisadas, mas o ato de escrever escapa às análises.

Sendo a ação o lugar da realização humana, ela é também o lugar da busca de felicidade e, portanto, de inquirição sobre o *sentido* para a vida. Há ou não sentido para a existência humana e qual é? A que a vida nos conduz e qual o seu significado para nós? Eis a questão incontornável, quando se estuda a ação de forma integral. Na exteriorização de nosso ser no mundo, nos atos interiores e expressivos que nos realizam, que determinam pouco a pouco o significado de cada vida e revelam a orientação das iniciativas, desenha-se, mais ou menos claramente, o sentido desta vida. Concomitantemente, a pessoa que age se depara com as normas do ser em comum onde a vida se encontra enraizada, concentradas em tantas máximas de sabedoria, o que irei esclarecer adiante. Basta afirmar neste passo que o sentido da vida e do ser se revelam na própria vida, por meio do devotamento generoso às tarefas importantes do cotidiano, do engajamento árduo em valores inegociáveis, onde se aprendem e se confirmam as exigências das realidades humanas. Viver é também questionar, como ocorre no diálogo, o modo de ordenação do trabalho, do conhecimento ou das relações sociais, para confirmá-los ou reformá-los, para recriar ou ampliar nosso mundo. Mas este movimento supõe um profundo enraizamento cultural vivido até as últimas consequências e refletido com tempo e senso crítico.

A ciência, a colaboração humana, a família, a sociedade, a nação, o Estado, a moral e a busca religiosa se mostram na investigação blondeliana, como realidades irreduzíveis. Cada uma possui suas normas próprias, suas próprias exigências, sua independência relativa frente às demais. Criticá-las é também justificá-las diante da razão, o que empresta à reflexão certa coloração transcendental em sentido kantiano, mas que vai além, pois não se contenta com elencar as condições necessárias da experiência em geral. No contexto blondeliano, ocorre afirmação da consistência de sentido da realidade, que não pode ser

¹⁰ BLONDEL, Maurice. *L'Être et les êtres*. Alicia Éditions, 2020. ISBN: 9782357283978. Ebook. p. 105-118. Um belo texto inspirado em Blondel e com ele convergente, embora escrito em estilo hegeliano, encontra-se em: BRUAIRE, Claude. *O ser e o espírito*. São Paulo: Loyola, 2010. E a visão sistemática mais completa sobre o tema: LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2020. (Com prefácio de Cláudia Maria rocha de Oliveira & Elton Vitoriano Ribeiro), p. 353-390 (categoria da Realização) e 391-443 (categoria de Pessoa).

¹¹ BLONDEL, Maurice. De vinculo substantiali et substantia composita apud Leibnitium (1893). In: *Oeuvres complètes I 1893*: Les deux thèses. Paris: P.U.F., 1995. p. 531-687. Edição bilingue, tradução francesa a cargo de Claude Troisfontaines.

constituído por um sujeito transcendental, mas que vai sendo acolhido à medida que, na existência, analisamos o que vivemos¹². Na interação com a realidade há, sem dúvida, criação de valores, de costumes, de atitudes, mas essa criação conta com exigências que a própria realidade põe quando se manifesta e se oferece à nossa ação. Uma imagem simples é a do escultor que deve respeitar a matéria com que trabalha, pois não é o mesmo esculpir o mármore ou a pedra sabão.

Tomo ainda a relação entre mestre e discípulo como exemplo. Trata-se de relação de *influência*, eficaz somente se o discípulo não permanece inerte, mas responde ao mestre por uma iniciativa própria. O mestre deseja formar seu discípulo, mas corre o risco de que este não assimile verdadeiramente o ensinamento. Deve, pois, permitir que o discípulo o queira e o encontre por si mesmo, e, pacientemente, ajudá-lo nesta tarefa. A relação entre mestre e discípulo implica, portanto, dupla exigência normativa: a) o discípulo liga-se ao mestre em confiança e respeito; b) o mestre reconhece seu discípulo, mas deve relacionar-se com ele de forma desapegada, permitindo que cresça em iniciativa e liberdade. Assim, a confiança do discípulo nascerá, se consegue perceber a *atitude desinteressada* do mestre, para quem o discípulo é fim em si mesmo, importando ao mestre menos o que ele faz e mais o que ele é¹³.

No horizonte último de ação humana, que se expande no mundo como uma poderosa onda de causa eficiente, surge o transcendente. Todas as exteriorizações da ação mostram alguma passividade do sujeito diante do real. Blondel vê nessa passividade o indício de uma abertura que se dirige mais além, embora muitas vezes o faça caindo aquém do que se esperava. Não há os que passam a vida entregues à busca de sucesso ou riqueza, num ato de total devotamento? Pensam ter alcançado a finalidade e o sentido de suas vidas, mas se enganam. Ora, a análise retrospectiva seria capaz de explicitar qual o horizonte último de cada vida em sua busca de realização pessoal? Sim, em princípio, pois o/a leitor/a, que acompanha a argumentação blondeliana na *Ação* (1893) ou que, simplesmente, vive e reflete, pode a todo instante perceber, ainda que confusamente, o seu estágio no caminho existencial¹⁴. No caso da crítica blondeliana, o texto convida o/a leitor/a para ir além, ou seja, não se trata de apresentar o último transcendente por meio de argumentos probatórios, como nas provas tradicionais da existência de Deus, ainda que estas ocorram em contextos argumentativos claramente teológicos. O argumento aqui consiste em afirmar um *déficit* de realização, algo que não se atualizou, ou, mais precisamente, uma *privação*. Algo, portanto, que deveria ou poderia ter sido e permaneceu sem cumprimento, e que é reconhecido nas afirmações e atitudes de quem age¹⁵.

Se o mistério transcendente for afirmado pelo ser humano na ação, ainda que confusamente e de forma indeterminada, então essa afirmação prática não pode ser a negação do mundo e dos engajamentos da vida, nem se encontra num isolamento do sujeito moral frente às necessidades do determinismo natural. Ao contrário, somente o conjunto da vida abraçada com entrega e generosidade é forte o suficiente para abrir a consciência moderna, ciosa do princípio de imanência, ao mistério transcendente interpretado como algo ultimamente querido, mas impossível para o ser humano.

Se retornamos, no entanto, para o discurso dialético da *Ação* (1893) veremos que o princípio da *privação* atua também em cada passagem de um capítulo a outro, na busca leal de responder à pergunta pelo sentido. Há sempre o pequeno déficit, a diferença quase infinitesimal entre o realizado e o imediatamente visado. É esta diferença ou *privação* que apoia, em quem investiga a ação, a decisão de buscar além e de realizar, sinceramente, o que atrai a pessoa de modo ainda indefinido.

¹² BLONDEL, Maurice. Le point de départ de la recherche philosophique (1906). In: _____. *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 527-569.

¹³ BLONDEL, Maurice. *L'Action* (1893), p. 240-243.

¹⁴ BLONDEL, Maurice. *Le Point de départ*.

¹⁵ D'AGOSTINO, S. *Privation positive*. In: LECLERC, Marc (Org.). *Blondel entre l'Action et la Trilogie*. Bruxelles, Lessius, 2003. p. 212-225.

Outro traço importante da filosofia blondeliana, que completa o que acabo de dizer, é a afirmação de que há normas inerentes ao agir humano, espécie de lei não escrita presente no coração de cada homem. Lei imanente e transcendente, pois embora presente em cada um de nós, não é fruto de nossa capacidade de julgar. O juízo nos faz conhecê-la, na análise reflexiva, mas ela se apresenta como o dom que nos julga sem ser julgado e nos abre para a transcendência real. Pois a ação humana não se esgota neste mundo e nas conquistas da vontade humana. Examinar até o fim o esforço moderno de conquista do mundo é admitir, finalmente, uma atitude diversa da vontade conquistadora, reconhecer a possibilidade de “conversão”, a gratuidade que ultrapassa nossas forças, o impasse final e, portanto, admitir ao menos a hipótese de abertura do ser humano ao Dom¹⁶. Ao falar aqui de abertura, formulo um paradoxo, pois sustento, por um lado, que existir é afirmar a possibilidade de um encontro divino ou transcendente; e por outro lado, é reconhecer que não somos capazes de produzir este encontro, mas nós o esperamos. Jean-Luc Marion, analisando essa passagem da filosofia blondeliana, cunhou expressão esclarecedora. Frente à “vontade de potência” da cultura contemporânea Blondel propõe uma “vontade de impotência”, correspondente à conversão da vontade à força paradoxal do amor¹⁷. A “ciência da prática” blondeliana confirmaria, desta maneira, a outra vertente do subtítulo da *Ação* (1893): ela se apresentaria, radicalmente, como “uma crítica da vida”.

No caminho de expansão da vontade, que expressa o caminho de construção do mundo humano e de cada ser humano, deparamo-nos, portanto, com um inevitável conflito: ultrapassar a imanência do mundo numa abertura ao Dom ou permanecer sob a cúpula da imanência¹⁸. A privação de que tratamos acima, indica um excesso em nós, que pede outro excesso fora de nós e busca uma alteridade radical. Essa alteridade não se confunde, porém, com nenhuma realidade humana, embora esteja implicada em todas elas e nelas nos solicite. Ou seja, se a ação é síntese unitiva de todas as condições de sua realização, ela também traz implícita esta condição inaudita, sua finalidade última. Em tudo o que fazemos livremente, há também a esperança do encontro que, finalmente, cumule nossas buscas. E se este encontro é dom, ao menos sabemos que algo do dom já se comunica, embora como enigma, nas mais humildes ações cotidianas.

Portanto, acolher o dom ou o infinito, num encontro que as tradições religiosas chamam de ato de fé, corresponde a uma possibilidade de “conversão religiosa” já implicada na ação humana. Se ela ocorresse, nos colocaria em nova atitude diante das realizações da vontade: elas seriam confirmadas em seu sentido, mas relativizadas, ou seja, postas em relação com outras realidades e postas diante de um absoluto que as transcende. A condição humana se apresenta, pois, elevada a meio caminho entre o céu e a terra. E mantê-la nessa tensão equivale à atitude mais sábia e saudável. Mas insisto, por cuidado com a clareza e a precisão: o sentido último das realidades humanas, a finalidade que a todas trabalha implicitamente e que vai sendo explicitada no drama de nossas vidas, encontra-se além de nossas realizações: somos, na ação, seres de esperança. A última palavra de sentido em nossa vida é, portanto, o Dom, que se comunicaria a cada pessoa num encontro surpreendente. E a ação suprema do ser humano é permitir que este valor esperado, embora ainda não realizado, valor a expressar a finalidade última de toda ação, marque e reordene a síntese original de cada indivíduo e de todas as culturas¹⁹. Enquanto esse evento não se cumpre inteiramente, basta-nos permanecer abertos e atentos aos “sinais” que a própria complexidade da existência expressa e articula. Ou com as palavras

¹⁶ SAINT SERNIN, B. *L'idée de conversion intellectuelle selon Alain, Brunschvicg et Blondel*. WORMS, F. (org.). *Le moment 1900 en philosophie*. Paris: Septentrion, 2004. p. 43-61.

¹⁷ MARION, J. L. *La conversion de la volonté selon « L'Action »*. In: FOLSCHIED, D. (org.). *Maurice Blondel. Une Dramatique de la Modernité*. Paris: Éd. Universitaires, 1990. p. 154-165 (Actes du colloque d'Aix-en-Provence, mars 1989).

¹⁸ BLONDEL, Maurice. *L'Action* (1893), p. 323-388.

¹⁹ Várias contribuições sobre os distintos aspectos da questão da busca de sentido, na filosofia blondeliana, encontram-se na obra coletiva: COUTAGNE, M.-J. (Org.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Paris: Beauchesne, 1998. (Bibliothèque des Archives de Philosophie, 63).

blondelianas de Paul Ricoeur: permanecer atentos aos “*sinais* que atestam que o fundo do ser é ato”. E que devem ser buscados “no jogo de reenvio, pelo qual a experiência quotidiana da ação intencional bem como a procura de uma ação sensata no plano ético e político apontam na direção do ser ‘no qual nós somos, vivemos e nos movemos’”²⁰.

Mas como este percurso da ação abre-nos a uma lógica da ação humana? Como unir a necessidade que caracteriza toda lógica à liberdade e à contingência próprias à ação? Ora, na investigação completa da condição humana, a ação se mostra o vínculo unindo as mediações nas quais o homem se realiza. Elas se encontram referidas a um mesmo sujeito, que se expressa como excesso (e falta). Elas são o local histórico da realização, como a ciência que realiza o conhecimento rigoroso, mas não se basta e exige, para que ela seja real e mantenha seu sentido limitado e fecundo, o sujeito, a comunidade, a moral etc. A ordem de sentido científica não realiza toda a busca humana, não esgota o desejo na realização. Ela se apoia sobre outros sentidos e buscas. Isso permite que o autor convide seu leitor ou leitora a examinar outro domínio, a entender que aspectos ele e ela contemplam e organizam, a valorizar o que neles se atualiza, para, enfim, encarar seus limites e passar além, no exame livre do sentido da existência. Há uma expansão da nossa vontade, que encontra na realidade as mediações indispensáveis, embora insuficientes, à sua realização. Dizer que a realidade nos oferece mediações indispensáveis à nossa realização humana não é, simplesmente, afirmar que os *fatos* bastam para justificar a ação. O filósofo, recordo, não apenas descreve a ação, mas indica numa *reflexão* as condições necessárias para que a experiência respeite as exigências humanas ou espirituais. Ao acompanhar a ação livre, podemos, reflexivamente, afirmar o que nela é norma requerente. Portanto, liberdade e necessidade são compatíveis, quando vistas do centro mais abrangente da ação efetiva²¹.

2. Lógica da ação: o princípio elementar

O ser do agente se constitui na ação. E o sentido do ser (sua *héxis* ou disposição inata) é alterado de acordo com suas opções. Esta constituição tem como primeira aparência a imagem da causa eficiente, que exerce domínio sobre o real e se expande. Quando a criança se expressa no mundo, ela parece sentir-se onipotente, primeira manifestação da humanidade que pretenderia transformar a realidade para exercer seu senhorio absoluto sobre ela. Mas a realidade se opõe desde cedo, quando o menino quebra uma palha e deseja que ela esteja inteira novamente, ele deseja em vão... A palha não pode estar quebrada e inteira ao mesmo tempo, diz-nos o princípio de contradição. O ato de quebrar tem consequências irreversíveis, mostra a vida. Assim, desde as pequenas limitações até as grandes, como as atuais questões ligadas à fome no mundo, à guerra ou à ecologia integral, impõe-se patente aporia ao domínio humano: a realidade se desdobra e se apresenta como coerção, frente a uma vontade que se compreende como dominação. A relação entre o humano e seu contexto, no entanto, ensina que é possível encontrar normas e exigências que requerem adesão, que é possível pavimentar um caminho de sabedoria capaz de harmonizar liberdade e necessidade na urgente luta de nossa civilização por verdadeira paz²².

Ora, as buscas de nossos desejos de conhecer e atuar no mundo geram mediações que se unem na originalidade de cada vida. A ciência se une ao trabalho, o trabalho à amizade e ao encontro, a amizade transforma-se em amor e o amor pode gerar filhos, que se tornam homens e mulheres e convivem em sociedade, as mediações políticas do poder organizam cada povo para a ação interna e externa, a convivência nos oferece ensinamentos compilados ao longo de milênios nas regras morais, e a realidade, desdobrando-se nessas e em outras mediações, inspira enigmas interpretados como os da

²⁰ RICOEUR, Paul. “Liberté”. In: ARON, R., Champetier, G. et al. *Encyclopaedia Universalis*. 11ª Publicação. Paris: Encyclopaedia Universalis France, 1977. vol. 9, p. 979-985.

²¹ RENAULT, M. *Déterminisme et liberté dans « L’Action » de Maurice Blondel*. Lyon: E. Vitte, 1965.

²² BLONDEL, Maurice. *Lutte pour la civilisation et philosophie de la paix*. Paris: Flammarion, 1939.

origem e da finalidade deste mundo, narrados em mitos religiosos e celebrados em festas rituais. A lista dos enlaces se estenderia indefinidamente, do mais ínfimo ao mais sublime, do mais regional ao mais totalizante.

Tudo se encontra entrelaçado, o que se pode expressar, dialeticamente, como o *déficit* que cada realização traz, diante do desejo infinito. Não que este desejo seja conhecido de entrada, mas ele vai se desenhando na existência e deixando pegadas nas obras da cultura humana, sobretudo a arte, a filosofia e a mística. Assim, cada realização pessoal ou comunitária guarda a promessa de plenitude e acabamento, mas não a cumpre. Cada limitação do desejo, numa realização da vontade, traz consigo o convite para ir além, pois nos encontramos *privados* daquilo que procuramos, sem saber exatamente em que isso consiste. É preciso não parar até a descoberta da abertura ao transcendente na consciência humana, diz-nos Blondel corrigindo o mestre Aristóteles²³.

Nessa riqueza, aqui apenas evocada de modo incompleto, ocorre a realização humana, por integração de sentidos e valores. O centro dessa integração é o agente, que amarra voluntariamente, uma à outra, as mediações históricas de seu acontecimento no mundo: queremos o conhecimento, a família, a amizade, o trabalho, a moral, a política etc. Em cada uma das mediações elencadas há normas a serem respeitadas (ou não) e o respeito ou desrespeito dessas normas, que são também valores, não nos é indiferente. A sabedoria dos povos nos diz que alguns caminhos conduzem à vida, outros à morte. Mas para justificar racionalmente esse processo – como deve fazer quem se dedica à filosofia – faz-se necessária uma lógica que dê conta das opções e de sua consequência ontológica, concernindo ao sentido de nosso ser e ao ato de valorizar próprio à ação. Lógica da ação humana, que mostre o que inevitavelmente ocorre nos atos voluntários e una com laço firme a necessidade lógica à liberdade existencial. Nos limites deste artigo, contento-me em enunciar e explicar o princípio elementar desta lógica, ou seja, o princípio necessário e universal e, portanto, válido para toda a lógica da vida moral em geral, ou melhor, para a vida vista como opção não indiferente entre o bem e o mal. Trata-se, como já comecei a expor, do princípio da *privação*²⁴.

As sínteses originais da ação abrem-se à nossa compreensão, quando as consideramos à luz do par *privação e inclusão*. As decisões e ações morais – assim nos dizem em nossa educação ética – reordenam nosso ser e incluem, de um lado, os valores acolhidos, as potencialidades realizadas. Mas, de outro lado, seriam os valores negados e as potencialidades não realizadas, simplesmente, destruídos? Ou marcariam e determinariam a nova síntese e a atitude do agente? Nas opções cotidianas, mesmo as pessoas virtuosas devem se inclinar voluntariamente no sentido da virtude. Este ato é aparentado com a espontaneidade, mas sempre guarda algum grau mínimo de opção. Considere-se, por exemplo, o caso em que pessoas devem ser justas e, por vezes, às custas de seus interesses imediatos. A interpretação de Blondel diz-nos que o ser do agente não é o mesmo antes e depois da ação exercida. Agir com justiça o configura de modo distinto, mas agir injustamente também. O que ele faz (ou deixa de fazer) participa, doravante, do sentido de seu ser. Se o ato justo é acompanhado por perdas no que concerne ao interesse pessoal, nem por isso seu resultado seria deficitário, ontológica e figurativamente falando. Do mesmo modo e no mesmo sentido, o ato injusto poderia representar ganhos pessoais, mas nem por isso seu resultado seria superavitário. Como compreender esta diferença?

A pequena fenomenologia da ação acima esboçada afirma que em nosso atuar podemos construir mediações para nossa realização humana, desde que respeitemos as exigências requerentes que essas mediações nos apresentam. E que nossa ação enlaça e utiliza a energia das diversas mediações como sinais que nos convidam a abraçar outras, até compreendermos que: a) nossa vida imanente pode encontrar-se aberta e receptiva (ou

²³ Para compreender as relações entre Blondel e Aristóteles no projeto blondeliano da “lógica da ação” é mister ler: D'AGOSTINO, S. *Dall' atto all' azione* Blondel e Aristotele nel progetto de « L'Action » (1893). Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1999. (Coleção Analecta Gregoriana).

²⁴ BLONDEL, Maurice. *Principe élémentaire d'une logique de la vie morale* (1900). In: *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 365-385.

fechada e excludente) para a transcendência; b) o respeito às normas do agir nos abre e o desrespeito nos fecha. Cada mediação tem suas exigências e confere um grau de realização à existência. Mas o desejo que trabalha o ser humano pode confundir o sentido limitado de uma mediação particular com o Dom esperado. Neste caso, o significado do Dom é destruído, pois as mediações são construções humanas, conquistas e domínio na ordem da imanência. Portanto, considerar uma mediação particular como a finalidade do movimento da ação significaria freá-lo. E negar o infinito da inquietude, do desejo e da travessia, infinito que abre passagem para a transcendência na cúpula de nossa imanência; c) há algo infinito presente na ação ou existência humana, embora apenas confusamente afirmado na *privação*.

Retomando agora o exemplo das ações justa ou injusta, podemos falar de múltipla inclusão. Quem age justamente inclui o valor e a virtude da justiça na disposição integral de seu próprio ser. Inclui ainda os valores negados, que dão maior peso às suas decisões, como a satisfação de legítimas expectativas pessoais, as quais, no entanto, precisaram ser preteridas para que o valor principal, no caso a justiça, se realizasse. Inclui, enfim, algo infinito, como o fundo divino e transcendente da realidade, que se encontra presente nos atos cotidianos, por vezes percebido como algo indefinível e misterioso, e que nos impulsiona a ir mais longe nas realizações efetivas. A privação positiva do infinito é o motor que recomenda a superação, pois atesta que o ato justo ainda não esgotou as exigências e recomendações da existência. E há diferença *infinita* entre a ação justa e seu contrário, como se pode facilmente compreender a partir de tudo que se afirmou acima. A privação dos valores preteridos é positiva, ela deixa sua pegada ontológica no agente. Se nos privamos de nossos interesses em nome da justiça, ganhamos algo – a virtude da justiça – e o infinito. Nosso ser singular muda de sentido e passa a perceber a realidade com outros olhos, a senti-la com outro tato e a lidar com ela sob a guia da *phrónesis* ou sabedoria prática da pessoa moral. Mas se nos privamos do ato justo, ganhamos algo como um interesse pessoal realizado, mas perdemos a virtude da justiça e o infinito. A privação positiva marca com sua pegada a consciência do agente, o qual, no seu déficit infinito poderia despertar e converter-se, embora normalmente enverede por atalhos autodestrutivos e violentos, antes de tomar consciência de seu estado desfigurado e rebaixado. Em consequência, a lógica da ação moral nos coloca de cheio na estrutura inteligível da ação e do agente livre. Ela nos abre a uma ontologia do ato de ser humano, graças ao princípio elementar da *privação positiva* e inclusiva.

Note-se, enfim, que a lógica blondeliana da ação pretende ser mais fundamental do que a lógica da *contradição*, ou seja, da afirmação e da negação, em que o que é negado é também anulado, pois “é impossível que a mesma coisa ao mesmo tempo pertença e não pertença ao mesmo objeto, sob o mesmo aspecto” como disse Aristóteles na *Metafísica*, ao definir “o princípio mais seguro de todos”²⁵. A lógica da *contradição* tem dificuldade em pensar a inclusão do preterido na estrutura ontológica do agente moral. Como afirmar que, para alguém que não agiu segundo o valor da justiça, para citar o mesmo exemplo, esse valor não é e é, ao mesmo tempo, pertence de seu ser moral? Mas uma lógica diferente, lógica da *inclusão ou privação positiva* que abre espaço de compreensão para a geração dos valores, pode fazê-lo com facilidade. Pois o que é negado numa escolha não é destruído, mas toma a forma da *privação* na estrutura do organismo moral do agente, e *privação positiva*, ou seja, efetiva e ativa. Assim, esta compreensão do princípio elementar, como processo involuntário implicado em nossos atos voluntários, permite pensar e justificar o caminho da realização humana²⁶.

Blondel reconhece o valor do princípio de *contradição* ou de *não-contradição*, como se preferir. E propõe uma dedução transcendental deste e de outros princípios

²⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. 1005b 15-23.

²⁶ D'AGOSTINO, S. “Privation positive”. In: LECLERC, Marc (Org.). *Blondel entre l'Action et la Trilogie*. Bruxelles, Lessius, 2003. p. 212-225. E: SERVAIS, J. “Le ‘Principe élémentaire d'une logique de la vie morale’. Antécédents et prolongements d'un mémoire de Blondel”. In: LECLERC, Marc (Org.). *Blondel entre l'Action et la Trilogie*. Bruxelles, Lessius, 2003. p. 191-211.

lógicos no *Princípio Elementar de uma Lógica da Vida Moral*²⁷. Seu gesto forte consiste em dizer que o princípio elementar da privação (ou stérêsis, no grego de Aristóteles) estaria na origem da própria lógica clássica, mas não posso tratar desses aspectos no limite deste artigo. Apenas acrescento ainda breve nota a respeito do método dialético de apresentação da realidade em seu desdobramento lógico, pois este se encontra enriquecido pela contribuição blondeliana. Basta pensar na dificuldade de compreender a “negação da negação”, que leva à superação na investigação dialética. A *privação* definida como “o que deveria ou poderia vir a ser e não foi ou não se cumpriu” representa solução valiosa, uma vez que ela, ao contrário da negação, traz em sua semântica a ideia de uma efetividade capaz de mover. E dá à exposição dialética tonalidade de respeito à liberdade daquele que investiga, pois já não é a necessidade absoluta da argumentação lógica que obrigaria a seguir adiante na investigação em curso, mas a consciência da privação que requer de quem reflete um querer e buscar mais, nos caminhos do sentido e da realização da vida.

Ora, o sentido de nosso ser moral na ação supõe o que vimos anteriormente, ou seja, o homem como ser impulsionado por excesso e falta, a privação positiva que se traduz em disposições que o orientam e o interpelam à livre adesão. Cada ação humana recompõe a disposição original do sujeito, rearranja seu todo, em nova síntese que o encaminha a realizar sua verdade ou a desfigurar-se. Desfigurar-se não significaria destruir-se, mas privar-se efetivamente. O ser único que se é não é indiferente às opções que faz. E a privação marca sua consciência, como inquietude do coração, oferecendo-lhe a todo momento a possibilidade de abertura a algo mais, ainda que na forma do menor passo possível adiante. Algo que venha cumular a busca humana e confirmar suas mais sublimes ou humildes realizações. Assim, uma responsabilidade real se impõe a cada pessoa nas opções e relações da existência, pois a realização de nosso ser singular não é ato voluntarista que se cumpre em um instante de potência, mas espécie de “progressão infinitesimal”, tateante e laboriosa, que se desdobra na duração da vida. Nela, o princípio da *privação* preside a constante reordenação de unidade dialética e de sentido de nosso ser. Nela manifesta-se gradualmente o conflito latente em cada vontade humana: fechar-se na imanência do mundo ou abrir-se ao mistério que nos ultrapassa.

3. Conclusão

Descrevemos acima o caminho comum da realização humana, na perspectiva da ação e nos marcos da filosofia blondeliana. Neste caminho, está implicada uma lógica da necessidade compatível com a liberdade, cujo princípio elementar acabamos de determinar, e cujo ritmo é o das “progressões infinitesimais”. No entanto, não se pode excluir da existência humana outra possibilidade rara, mas real. O lento caminho ascensional da vontade que se expande e interioriza a causa final na causa eficiente da ação, as exigências da vida no coração mesmo da liberdade, e assim realiza nosso ser, pode ser elevado por um acontecimento surpreendente²⁸.

Trata-se de encontro privilegiado que nos abra ao Dom de maneira definitiva. Encontro em que o mistério de nosso ser seja decifrado diante de outro mistério, e em que somos chamados ao ser e, por assim dizer, recriados de maneira radicalmente nova, em todas as dimensões de nossa humanidade, por uma doação sem exigências de retorno. Neste encontro, na imanência do mundo, manifesta-se definitivamente o que escapa ao nosso domínio e a todas as nossas realizações, o que é propriamente transcendente e não se esgota em nenhuma realidade do mundo. É na mediação deste encontro, que a

²⁷ Ver esta dedução em BLONDEL, Maurice. *Principe Élémentaire*. p. 371-375.

²⁸ Há uma breve e tocante apresentação deste tema nas primeiras páginas de: BLONDEL, Maurice. *Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux* (1896). In: *Oeuvres complètes II* 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste. Paris: P.U.F., 1997. p. 97-173.

gratuidade do Dom nos retira de nosso egoísmo, reabrindo o sentido do próprio mundo e nos unindo livremente à realidade. Manifestação do absoluto no rosto frágil de outro eu, Encontro que é, propriamente, a imagem viva do Amor²⁹.

Recebê-lo, no entanto, não é ser preservado do drama da existência humana, de todas as possíveis quedas em que se elege o bem menor e que dilaceram o nosso ser, nas opções graves. Mas é, sem dúvida, estar no mundo com nova atitude que, por ser iluminada pela presença do fundamento de toda a realidade, nos lança ao combate das ilusões e da arrogância das potências dominadoras que presentemente nos ameaçam.

Referências

ANTONELLI, B. *Maurice Blondel*. São Paulo : Loyola, 2006. Contém artigo de Blondel, nas páginas p. 61-93.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

BLONDEL, Maurice. De vinculo substantiali et substantia composita apud Leibnitium (1893). In: *Oeuvres complètes I: 1893 : Les deux thèses*. Paris: P.U.F., 1995. p. 531-687. Edição bilingue, tradução francesa a cargo de Claude Troisfontaines.

BLONDEL, Maurice. *L'Action I: le problème des causes secondes et le pur agir*. Paris: Félix Alcan, 1936. (Bibliothèque de philosophie contemporaine).

BLONDEL, Maurice. *L'Action II: l'action humaine et les conditions de son aboutissement*. Paris: Félix Alcan, 1937. (Bibliothèque de philosophie contemporaine).

BLONDEL, Maurice. *L'Action: essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique* (1893). In: *Oeuvres complètes I: 1893 : les deux thèses*. Paris: P.U.F., 1995. p. 1-530.

BLONDEL, Maurice. *L'Être et les êtres*. Alicia Éditions, 2020. ISBN: 9782357283978. Ebook. p. 105-118.

BLONDEL, Maurice. *L'itinéraire philosophique de Maurice Blondel: Propos recueillis par Frédéric Lefèvre*. Paris: Aubier, 1966. Com advertência de Henri Bouillard.

BLONDEL, Maurice. Le point de départ de la recherche philosophique (1906). In: _____. *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 527-569.

BLONDEL, Maurice. Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux (1896). In: *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 97-173.

BLONDEL, Maurice. *Lutte pour la civilisation et philosophie de la paix*. Paris: Flammarion, 1939.

BLONDEL, Maurice. Principe élémentaire d'une logique de la vie morale (1900). In: _____. *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 365-385.

²⁹ Tornou-se clássica a reflexão de Martin Buber a respeito do encontro e da relação Eu-Tu, inteiramente distinta do que o autor chama de "experiência" do Eu-Isso. Somente a vida relacional pode abrir-se ao Tu Eterno. Ver: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014. Portugal. (1ed. Alemã: *Ich und Du*, 1923).

- BRUAIRE, Claude. *O ser e o espírito*. São Paulo: Loyola, 2010.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014. Portugal. (1ed. Alemã: Ich und Du, 1923).
- CORTINA, Adela. *Ética de la razón cordial: educar en la ciudadanía en el siglo XXI*. Oviedo: Ediciones Nobel, 2007.
- COUTAGNE, M.-J. (Org.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Paris: Beauchesne, 1998. (Bibliothèque des Archives de Philosophie, 63).
- D'AGOSTINO, S (org.). *Logica della morale: Maurice Blondel e la sua recezione in Itália*. Roma: Enciclopedia Italiana, 2006. (Biblioteca dell'enciclopedia: Scienze e Filosofia).
- D'AGOSTINO, S. "Logica morale e logica del nichilismo". In: D'AGOSTINO, S (Org.). *Logica della morale. Maurice Blondel e la sua recezione in Italia*. Roma: Enciclopedia Italiana, 2006 (Biblioteca dell'enciclopedia. Scienze e Filosofia). p. 35-50.
- D'AGOSTINO, S. "Privation positive". In: LECLERC, Marc (Org.). *Blondel entre l'Action et la Trilogie*. Bruxelles, Lessius, 2003. p. 212-225.
- D'AGOSTINO, S. *Dall'atto all'azione Blondel e Aristotele nel progetto de « L'Action » (1893)*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1999. (Coleção Analecta Gregoriana).
- DUMÉRY, Henry. "Maurice Blondel (1861-1949)". In: MERLEAU-PONTY, M. (Org.): *Les philosophes célèbres*. Paris: Lucien Mazenod, 1956, p. 300-303. (Collection de la Galerie des hommes célèbres).
- HENRICI, P. "La Logica della vita morale nel suo contesto di allora e nel nostro contesto attuale". In: D'AGOSTINO, S (Org.). *Logica della morale. Maurice Blondel e la sua recezione in Italia*. Roma: Enciclopedia Italiana, 2006. (Biblioteca dell'enciclopedia. Scienze e Filosofia). p. 21-34.
- JOUHAUD, M. *Le problème de l'être et l'expérience morale chez Maurice Blondel*. Louvain-Paris: Nauwelaerts-B. Nauwelaerts, 1970. (Recherches, 58).
- LACROIX, Jean. *Maurice Blondel: sa vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: P.U.F., 1963. (Contém extratos das principais obras de Blondel).
- MARION, J. L. "La conversion de la volonté selon 'L'Action'". In: FOLSCHEID, D. (org.). *Maurice Blondel. Une Dramatique de la Modernité*. Paris: Éd. Universitaires, 1990. p. 154-165 (Actes du colloque d'Aix-en-Provence, mars 1989).
- MERLEAU-PONTY. "L'existence et la dialectique". In: _____ (Org.). *Les philosophes célèbres*. Paris : Lucien Mazenod, 1956. p. 288-291. (collection de la Galerie des hommes célèbres). Aqui: p. 288.
- RENAULT, M. *Déterminisme et liberté dans « L'Action » de Maurice Blondel*. Lyon: E. Vitte, 1965.
- RICOEUR, Paul. "Liberté". In: ARON, R., Champetier, G. et al. *Encyclopaedia Unniversalis*. 11ª Publicação. Paris: Encyclopaedia Universalis France, 1977. vol. 9, p. 979-985.
- SAINT SERNIN, B. "L'idée de conversion intellectuelle selon Alain, Brunschvicg et Blondel".

WORMS, F. (org.). *Le moment 1900 en philosophie*. Paris: Septentrion, 2004. p. 43-61.

SERVAIS, J. Le “Principe élémentaire d’une logique de la vie morale: Antécédents et prolongements d’un mémoire de Blondel”. In: LECLERC, Marc (Org.). *Blondel entre l’Action et la Trilogie*. Bruxelles, Lessius, 2003. p. 191-211.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2020. (Com prefácio de Cláudia Maria rocha de Oliveira & Elton Vitoriano Ribeiro)

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000.

WORMS, Frédéric (Org.). *Le moment 1900 en philosophie*. Paris: Septentrion, 2004.

Doutor em Filosofia (UFMG)
Professor de Filosofia, FAJE-MG
Professor do PPG Filosofia (FAJE, MG)
E-mail: alvaropimentel1967@gmail.com